

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE GRAJAÚ
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS-GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS
HABILITAÇÃO EM GEOGRAFIA

KRISS MYANNE DOS SANTOS SOUSA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE MUNICIPAL DE GRAJAÚ: um estudo de caso nas escolas Caminho do
Futuro e Paulo Ferraz de Sousa

GRAJAÚ

2015

KRISS MYANNE DOS SANTOS SOUSA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE MUNICIPAL DE GRAJAÚ: um estudo de caso nas escolas Caminho do
Futuro e Paulo Ferraz de Sousa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Licenciaturas em
Ciências Humanas-Geografia da
Universidade Federal do Maranhão com o
requisito parcial de conclusão de curso.
Orientação: Prof. Me. Ubiratane de Moraes
Rodrigues.

GRAJAÚ
2015

KRISS MYANNE DOS SANTOS SOUSA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE MUNICIPAL DE GRAJAÚ: um estudo de caso nas escolas Caminho do
Futuro e Paulo Ferraz de Sousa

Monografia apresentada à coordenação do
curso de Licenciatura em Ciências Humanas
da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
como pré-requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Ciências Humanas com
Habilitação em Geografia por esta instituição.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ubiratane de Moraes Rodrigues(Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Me. Francisco Vale Lima
Universidade Federal do Maranhão

Universidade Federal do Maranhão
Prof. Esp. José Luís dos Santos Sousa

Grajaú

2015

AGRADECIMENTOS

À Deus por toda a minha vida e oportunidades.

Ao meu orientador Ubiratane Rodrigues de Moraes por toda sua dedicação, sabedoria e confiança.

A todos os professores e professoras que fizeram e fazem parte deste corpo docente e que contribuíram com meu crescimento intelectual, em especial às professoras Viviane Barbosa, Mônica Moraes, Rose Rocha e professor Francisco Mota.

Em memória de meu pai Raimundo José Rodrigues de Sousa por ter me ensinado a ser determinada.

À minha mãe por confiar em meu potencial e colaborar cuidando dos meus filhos.

Ao meu companheiro Clemilton Sousa da Silva pela confiança e incentivo.

Aos meus amigos Rosa da Conceição Melo Gomes por ter me dado força nas horas necessárias

Ao meu amigo Sebastião da Conceição Solidade Filho pelo companheirismo nos primeiros momento de minha vida acadêmica.

Ao Manoel Ferreira por ser um exemplo fortalecedor de capacidades,

A Maria José por ser meu exemplo de persistência e todos os companheiros e companheiras da turma de LCH 2010 que direta ou indiretamente contribuíram com o meu desenvolvimento.

Às Professoras, alunos e alunas das Escolas Paulo Ferraz de Sousa e Caminho do Futuro pela colaboração que possibilitou o desenvolvimento do meu TCC.

Ao PIBID, pois foi de grande importância para aquisição de experiência profissional nos últimos anos de conclusão e vida acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia.

Aos meus pais Raimundo José Rodrigues de Sousa; Maria dos Santos Sousa, aos meus filhos: Kaylany Sousa da Silva; Rayron Sousa da Silva, Maria Cecília Sousa da Silva, Aos Meus irmão: Krislane dos Santos Sousa; Anderson Cleiton dos Santos Sousa e em memória do meu amigo Cleudivan de Sousa Vasconcelos que descanse em paz.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. O Ensino de Filosofia no sétimo ano do ensino fundamental das escolas municipais de Grajaú.....	10
3. A Realidade do Ensino de Filosofia em Grajaú-MA	15
4. Considerações finais.....	24
Referências.....	27

O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR DA REDE MUNICIPAL DE GRAJAÚ: UM ESTUDO DE CASO NAS ESCOLAS CAMINHO DO FUTURO E PAULO FERRAZ DE SOUSA

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar um diagnóstico da realidade atual do Ensino de Filosofia no sétimo ano em duas escolas do Ensino Fundamental maior no município de Grajaú-MA. Buscou-se por meio de entrevistas com professores e alunos compreender a realidade das salas de aula, assim como as dificuldades destes. Para tanto, foram fundamentais as contribuições teóricas Lorieri (2004), Cerletti (2009), Gallo (2014). Os resultados de nossa pesquisa apontaram a necessidade de uma revisão no ensino de Filosofia em Grajaú-Ma, assim como a necessidade de professores formados em Filosofia para melhor aprendizado dos alunos e consolidação da Filosofia no município.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. Ensino Fundamental. Grajaú-MA.

Résumé

Ce travail vise présenter un diagnostic de la réalité actuelle de l'enseignement de la philosophie dans la septième année dans deux écoles de enseignement primaire dans la ville de Grajaú-MA. On cherché à travers des entretiens avec les professeur et les élèves comprendre la réalité de les classes, ainsi que ses difficultés. ainsi , étaient fondamentales des contributions théoriques de Lorieri (2004), Cerletti (2009), Gallo (2014). Les résultats de notre recherche ont souligné la nécessité de revoir l'enseignement de la philosophie dans Grajaú-Ma, ainsi que la nécessité de formation de professeur en philosophie pour mieux l'apprentissage des élèves et de la consolidation de la philosophie dans la ville.

Mots-clés: L'enseignement de la Philosophie. École Primaire. Grajaú-MA.

1. INTRODUÇÃO

No Ensino Fundamental o professor(a) tem grande responsabilidade e compromisso no desenvolvimento da formação educacional e social da vida da criança, claro que os pais são imprescindíveis, mas não podem fazer esse papel sem auxílio portanto escola e família devem caminhar juntos, pois cada um tem seu papel e sua importância nesse processo.

A falta do ensino de filosofia no ensino fundamental segundo a resolução 03/2001 da lei 11.684/02/06/08 é um fator que implica na formação de pensamentos críticos do aluno. O professor de filosofia deve estar preparado para atuar no ensino de filosofia, pois, quando esta disciplina se faz presente na vida da criança desde a infância, proporciona a ela mais facilidade para buscar a compreensão de suas curiosidades, e desenvolver o desejo de saber mais sobre o mundo que a cerca. Por isso a preparação do professor para orientá-lo na busca pela resposta que alimenta essa ânsia é indispensável.

O ensino de filosofia no ensino fundamental de Grajaú-Ma foi inserida no currículo obrigatório das escolas desde 2011, e até o momento não se viu concurso público para professor de filosofia, assim, questionamos: há no município profissionais formados na área de filosofia para atuarem no ensino fundamental, cumprindo as exigências necessárias na formação do aluno-criança crítico para encarar o desafio de descobrir o mundo pelo conhecimento?

Esta questão nos move para investigar o ensino de filosofia em Grajaú, este trabalho tem como ponto de partida o estudo da reflexão de alguns pensadores sobre o ensino de filosofia e das experiências vividas em sala de aula no projeto de Extensão Barricadas Filosóficas-UFMA. Assim como da realidade do ensino de filosofia em Grajaú, principalmente nas duas escolas selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa: Escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa e Escola Caminho do Futuro. Nesse sentido, busca-se diagnosticar e compreender qual a situação atual do ensino de filosofia nessas escolas, e como ele pode proporcionar para os alunos a compreensão histórica e crítica vivida por eles. Para isso, buscamos analisar como os alunos dessas escolas vêem e compreendem o ensino de filosofia, qual a formação dos professores que ministram a disciplina de filosofia e suas reflexões sobre o ensino de filosofia em Grajaú. Partimos assim das seguintes perguntas norteadoras da pesquisa: qual o lugar da filosofia no sétimo ano do ensino fundamental das escolas Paulo Ferraz de Sousa e Caminho do Futuro? Como ela é ensinada? Quem ensina a Filosofia nestas escolas?

Partimos da hipótese que o ensino de filosofia de qualidade pressupõe professores preparados para trabalhar nessa área, uma vez que trabalhar com crianças requer preparo para a formação do pensamento crítico das mesmas. Assim, acredita-se ter diferença no ensino de filosofia nas escolas do Município em que não há professores formados na área de filosofia? não há hipótese temos então como objetivo geral, compreender o ensino de filosofia no sétimo ano do ensino fundamental das Escolas Públicas de Grajaú a partir de uma análise das experiências das Escolas Caminho do Futuro e Paulo Ferraz de Sousa.

O método utilizado para alcançar o objetivo desse trabalho é o método qualitativo por que todas as informações expressas neste trabalho é fruto de algumas observações e relatos que foram comparadas com o que descreve a teoria. Assim, esta pesquisa se dividirá em dois momentos, a saber, a revisão bibliográfica que possibilita os conceitos fundamentais para compreendermos o nosso objeto, e a pesquisa de

campo, onde faremos as visitas às escolas e as entrevistas orais gravadas em áudio com as professora e com os alunos(as). Esses dois momentos nos permitirão compreender nosso objeto na prática, assim como nos dando a possibilidade de escrita consistente sobre o objeto pesquisado, mas ambos os momentos estão diretamente ligados.

Assim nossa exposição está dividida em quatro partes. A primeira parte é esta introdução, na segunda apresentaremos algumas análises teóricas que nos norteiam no desenvolvimento e compreensão deste trabalho. No terceiro momento, apresentaremos as análises e entrevistas feitas com as professoras e os alunos do sétimo ano, entrevistas que foram essenciais para a análise do ensino e aprendizagem dos alunos do sétimo ano, apresentaremos ainda a diferença entre o ensino de filosofia com professora de Filosofia preparada e o ensino de Filosofia com as professores não formadas em Filosofia. Enfim na quarta e última parte apresentaremos nossas considerações finais a partir das análises teóricas e práticas.

2. O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS MUNICIPAIS.

Segundo Cerletti, a questão “que é ensinar filosofia?” pode ser visto como uma questão fácil de responder e ao mesmo tempo complexo, uma vez que a primeira resposta poderia ser, “Ensinar filosofia seria a atividade em que alguém transmite ao outro determinado conteúdo, neste caso, ‘de filosofia’ ou ‘filosófico’”. (CERLETTI, 2009, p. 11). Parece ser simples responder esta questão, mas Cerletti diz que essa resposta provocou outra questão, o que é “transmitir”? Desse modo, podemos compreender o que Cerletti afirma,

[...] encontrar uma resposta unívoca para ‘que é filosofia?’ não somente não é possível, mas cada uma das eventuais respostas poderia dar lugar a concepções diferentes da filosofia e do filosofar, o que influirá, por sua vez, sobre o sentido do ensinar ou transmitir filosofia. (CERLETTI, 2009, p. 11).

Segundo ele, o termo transmitir limita e define a compreensão no que diz respeito à filosofia, fazendo dela “algo identificável” em que poderíamos ter a capacidade

de manipulá-la. Para isso haveria a necessidade de “[...] redefinir o que significa ensiná-la, já que cada caracterização julgaria a possibilidade de sua transmissão.” (CERLETTI, 2009, p. 11). Diante disso, Compreende-se que o saber filosófico não é algo que se transmite, mas, capaz de se construir de acordo com a realidade, com o cotidiano e com a cultura de cada indivíduo ou aluno. A filosofia vai estar presente mesmo que não percebamos. Assim o professor(a) deve estar preparado para trabalhar com o ensino de filosofia, para auxiliar seus alunos na compreensão e reflexão de determinados problemas.

De acordo com (CERLETTI, 2009.P.13) o saber filosófico é algo espontâneo, o ser humano não necessariamente necessita do professor para ensiná-lo, dessa forma o conhecimento deixa de ter sua formalidade, passando a ter a necessidade de auxílio de um professor para formalizá-la e fundamentá-la, dentro do que propõe a educação das “instituições habilitadas para tal”. Para ele, a partir da idade moderna “a filosofia passa a integrar os sistemas educativos e, portanto, começa a ocupar um lugar de maior ou menor importância nos programas oficiais. Em assim sendo, o ensino de filosofia adquire dimensão estatal.”

Decorre disso, que a forma de ensino de filosofia proposta pelas instituições, faz do ensino de filosofia algo muito definido deixando de lado a problematização filosófica, dessa forma o ensino ou o pensamento filosófico é reduzido e simplificado de acordo com o senso comum de cada instituição. Ele ainda afirma, que há diferentes formas de ensinar filosofia e aponta algumas “estratégias didáticas – (exposições, leituras e comentários de textos, atividades grupais, estudos dirigidos, etc.)”. (CERLETTI, 2009, pp. 16-17).

De acordo com Cerletti,2009. O professor que trabalha com o ensino de filosofia precisa gostar de filosofia e no desenrolar de suas aulas será possível construir um pensamento voltado para a compreensão filosófica, passa pela questão da formação e também pelo prazer de ensinar filosofia. Assim, percebemos a importância da formação do professor para atuar na área de filosofia no ensino fundamental. Nossa pesquisa não é inédita no Brasil, pois já existem várias pesquisa sobre o ensino de Filosofia, mas em Grajaú há ainda poucos trabalhos sobre o assunto. Nesse sentido, Marcos Antônio Lorieri é um dos autores que está nos auxiliando nesta caminhada. Segundo Lorieri, o trabalho filosófico com crianças no Brasil teve início, com “a

divulgação do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman.” (LORIERI, 2004, p.155).

Um dos marcos iniciais do trabalho com este Programa, no Brasil, foi uma conferência realizada na PUC – SP, no final de 1984, promovida por Catherine Young Silva que acabava de retornar dos Estados Unidos onde cursara o mestrado em filosofia para crianças. A conferencista foi Ann Margareth Sharp. Presente a esta conferência, interessei-me pela proposta e participei de diversas ações que culminaram com a fundação do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

Segundo Lorieri o educador que auxilia a criança no seu processo de compreensão acerca das questões filosóficas deve ser um educador preparado. Essa é uma das propostas do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. O Programa Propõe um espaço no qual as crianças, os jovens e educadores possam dialogar, exercitar a capacidade de investigar através de diálogos.

Todas as pessoas, independente da faixa etária, apresentam questões filosóficas que devem ser investigadas e compartilhadas com outras pessoas, o saber filosófico deve ser alimentado, o exercício da compreensão é contínuo e não pode ser individual, para que as melhores respostas sejam encontradas. O comodismo é uma barreira rompida pela presença das ideias das crianças e jovens, e por isso o Programa é voltado para Crianças e Jovens, os futuros adultos das comunidades.

Assim, de acordo com Lorieri as crianças desde cedo até se tornarem adultas passam por situações em que surgem diferentes problemáticas, questões que envolvem o saber filosófico e que para a filosofia se faz necessária na compreensão da vida, do cotidiano, são questões necessária para a formação, estruturação do ser humano em todos os sentidos, social, cultural, político, entre outros. Ainda segundo ele, a filosofia para crianças é fundamental para sua formação e para a continuação dos estudos e investigação filosófica e é por isso que o Programa de Filosofia para Criança existe, para “[...] manter vivas e acesas as questões filosóficas em todos os seres humanos.” (LORIERI, 2004, p.158).

É importante salientar a importância que o ensino de filosofia apresenta à sociedade, uma vez que percebemos a extensa preocupação de vários Filósofos, Lorieri (2004), Cerletti (2009), Gallo (2014) entre outros, com a qualidade de ensino e com a formação docente no que diz respeito ao ato de ensinar filosofia. Visto que nossas crianças e jovens representam o futuro sociopolítico e educacional de nosso País.

O trabalho com o Programa de Filosofia para Crianças no Brasil foi iniciado,

[...] em 1985, em uma escola particular e em três escolas públicas de São Paulo. “Em 1986, já eram mais de quarenta escolas públicas de São Paulo e algumas escolas particulares.” De 1999 para cá, há um decréscimo na demanda pelo PFC. Menos escolas o procuram e um número menor de Professores buscam formação nos cursos. [...] Não possuímos dados a respeito, mas estima-se que em torno de 50% das escolas continuam trabalhando com a proposta de Lipman. (LORIERI, 2004. PP. 162-163).

O trabalho de ensino de filosofia, ou iniciação filosófica como ele prefere chamar, é de grande importância, uma vez que as crianças desde que começam a falar suas primeiras palavras já deixam explícitas seu desejo de saber, já começam a investigar mesmo sendo de maneira inocente, e na fase dos sete anos de idade percebe-se que a curiosidade aumenta e as questões apresentadas por elas são e tendem a ser cada vez mais problemáticas, problemáticas a tal ponto que seus pais diante de determinadas questões podem se sentir encurralados por não ter experiência com tais perguntas e nem sempre saberão responder de forma verídica e satisfatória os questionamentos de seus filhos, podendo desencadear um conflito de dúvidas e questões na cabeça das crianças que voltarão a fazer novos questionamentos. Assim como, como nos aponta (LORIERI, 2004. pp. 163-164)

Penso ser mais apropriado dizer iniciação, pois na verdade, o que se busca, como dito anteriormente, é manter vivas as questões filosóficas e favorecer, no ambiente escolar, tais questões sejam postas mais claramente e que sobre elas as crianças e jovens se debruçam, progressivamente, de maneira reflexiva, crítica, metódica, profunda e contextualizada. Não só: ao fazerem isso, sintam-se convidadas a analisar, da mesma maneira, respostas que são dadas a estas questões por elas mesmas e pelos adultos com os quais convivem.

A filosofia quando bem trabalhada em sala de aula, faz-se presente sempre que necessário para nos ajudar a compreender o sentido de existência de todas as coisas e acontecimentos inclusive o fato de existirmos, é nessa lógica que a filosofia se destaca.

É nessa perspectiva, buscamos compreender como a filosofia tem sido trabalhada no sétimo ano do Ensino Fundamental do Município de Grajaú-MA, pois a mesma é trabalhada com crianças e adolescentes e como foi apontado acima, o

professor é fundamental em sala de aula para favorecer o desenvolvimento filosófico dos alunos.

3. A REALIDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA EM GRAJAÚ-MA

Nossa pesquisa sobre o ensino de filosofia no sétimo ano do ensino fundamental nas escolas públicas de Grajaú-Ma Passou por uma pesquisa de campo fundamental para compreender esse objeto de estudo. Isso possibilitou conhecer a formação dos professores que trabalham com a disciplina de filosofia nas escolas Municipais Caminho do Futuro e Paulo Ferraz de Sousa, quais as disciplinas além da disciplina de filosofia eles trabalham e outros fatores determinantes no processo de ensino-aprendizagem de filosofia.

Primeiramente a pesquisa iniciou-se pela escola Municipal Caminho do Futuro, onde entrevistou-se uma professora de filosofia, que denominamos professora X, e mais cinco alunos do sétimo ano desta mesma professora, que chamaremos quando utilizar de alunos X1, X2, X3, X4, X5. E depois passamos para a escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa, onde entrevistamos duas professoras que chamaremos de professora Y e seus cinco alunos do sétimo ano que quando utilizarmos serão chamados de alunos Y1, Y2, Y3, Y4, Y5. E entrevistamos a outra professora que chamaremos de Professora Z, e seus cinco alunos também do sétimo ano que quando utilizados serão chamados de alunos Z1, Z2, Z3, Z4, Z5.

Sobre sua formação, a professora X informou que é licenciada em filosofia pela instituição privada FAEME e em história pela instituição pública URCA; pós-graduada em metodologia do ensino de História e Geografia pela instituição privada IADECOR; Tutora em Educação a Distância; Orientação e Supervisão Escolar pela UNINTER também por uma instituição privada.

A professora X tem três anos de experiência na escola Caminho do Futuro. Após o conhecimento de sua formação, buscou-se saber o que ela pensa sobre o ensino de filosofia para crianças do ensino fundamental e como ela vê o papel do professor de filosofia na formação desses alunos, a mesma respondeu,

A filosofia é muito importante por que ela trabalha o exercício do pensar de maneira correta, autônoma, crítica, racional e acima de tudo construindo paradigmas e ao mesmo tempo desconstruindo. Nesse

sentido, a filosofia no ensino fundamental [...] é importantíssima por que vai despertar no aluno e manter nele, já que é criança [...] a curiosidade pelo o que acontece no mundo, manter nele viva, acesa a questão do por quê, do questionar que é próprio de criança (PROFESSORA X, 2015).

Quanto aos professores de filosofia ela diz que “o professor de filosofia é peça essencial, por que ele vai mobilizar o aluno, vai despertar nele o interesse pela filosofia” (PROFESSORA X, 2015). A professora utiliza uma frase de Rubens Alves para expressar melhor seu sentimento quanto a importância do papel do professor de filosofia, e ressalta o que diz o autor Rubens Alves “eu não quero nem faca e nem queijo, eu quero é fome, o que vai me fazer comer o queijo é o desejo de comer”. Ressalta também o ditado popular utilizado por ele que diz “é fácil levar a égua até o rebanhã, difícil é fazer ela beber”. A professora faz uma relação entre o ditado popular e o que diz Rubens, com o papel do professor e diz que: “é fácil trazer o aluno ir para a escola, porque existe programas sociais pra isso, e tem toda uma questão política por trás que torna fácil trazer o aluno para a escola, difícil é fazer ele querer aprender e sentir esse desejo.” (PROFESSORA X, 2015).

De acordo com a compreensão do que diz a Professora X, é papel do professor de filosofia, desenvolver metodologias que possam atrair seus alunos e despertar neles a curiosidade e o desejo de conhecer, de saber a realidade do que se vive ou viveu. Fazer compreender o sentido das coisas, das ações, das emoções, é papel da Filosofia, do ensino de filosofia, onde o professor e o aluno estão inseridos. Professor e aluno são partes que se completam, por tanto, é necessário haver dedicação e compromisso de ambas as partes. Assim, como diz a professora X:

Então o professor de filosofia tem um desafio muito grande, é perante toda essa realidade como fazer o aluno se interessar pelo o ensino de filosofia, pela própria disciplina, pelos assuntos que são abordados. O professor de filosofia ele tem aí um desafio muito grande, um desafio no sentido de provocar que o aluno queira conhecer, é muito difícil, mas necessário.

Quanto ao ensino de filosofia nas escolas públicas de Grajaú, a Professora X, lembra que:

o ensino de filosofia nas escolas públicas de Grajaú é recente, que foi inserido no currículo escolar municipal a partir de dois mil e onze,[...] disse ainda que “[...] a disciplina de filosofia no ensino fundamental ainda

funciona de forma aleatória e precária” e vê a filosofia nas escolas municipais como uma disciplina que é “retalhada” para complemento de carga horária, considera isso um erro muito grave e ressalta que geralmente isso acontece com outras disciplinas também como, artes e ensino religioso. (PROFESSORA X, 2015).

Como consequência disso, segundo ela, a disciplina de filosofia acaba sendo ministrada por outros professores sem formação em filosofia, e nesse sentido a professora diz que ela não tem a atenção que merece como disciplina. Isso leva a professora a desconfiar da real finalidade da filosofia nas escolas municipais de Grajaú.

Outro ponto importante que descobrimos pela entrevista da Professora X, foram as condições estruturais e pedagógicas que faltam nas escolas e que o município oferece como suporte para o professor de filosofia, não existe acompanhamento pedagógico e nem formação de professores segundo ela. Afirma ainda, que apenas em dois mil e quatorze houve uma capacitação em um único dia onde foi visto filosofia e religião, prejudicando tanto uma disciplina como a outra.

Por esse motivo a Professora X, expôs sobre as dificuldades com o material didático, e que é a mesma que pesquisa e leva o material utilizado no ensino de filosofia nas turmas do sexto, sétimo, oitavo e nono ano que é adquirido com seu próprio recurso. Sobre a natureza do material, a professora comprou um material didático oferecido pelo Instituto Educação Para o Pensar de Santa Catarina, contudo, quando o material chegou, ela o analisou e percebeu que o mesmo estava muito evoluído para o nível cognitivo dos seus alunos, diz que quando o comprou não havia informação disponível para que pudesse analisá-lo antes da compra e devido à falta de material disponível para trabalhar com filosofia nessas séries a professora teve que “aventurar” e comprou-o sem conhecê-lo. O material chegou mas, a professora não teve como utilizá-lo, uma vez que o mesmo, segundo ela, apresenta um conteúdo cognitivo bem evoluído mais adequado para o nível médio. Portanto, utiliza um material produzido por Trajano que “são historinhas aleatórias sem um direcionamento e sem um propósito de currículo.” Diz que além desse material, ela mesma elabora o material que utiliza e que de certa forma fica mais fácil pra ela elaborá-lo por ela ter conhecimento e por ser formada, faz adaptação do material à linguagem própria dos alunos e também procura textos acessíveis a eles e elabora atividades que ela sabe que vai ser apropriada à cognição deles.

O que ela nos relata sobre o potencial cognitivo dos livros, nos deixa a entender que a qualidade de ensino de Santa Catarina, voltado para o ensino fundamental é comparado ao do ensino médio de Grajaú, ou seja, a cognição dos alunos do ensino médio de Grajaú, corresponde à cognição dos alunos do ensino fundamental de Santa Catarina, é nesse contexto que encaixa a nossa preocupação com a situação do ensino de filosofia nas escolas de Grajaú, isto é fato, e as entrevistas feitas com os alunos das Professoras Y e Z é a prova de que todo aluno deve e precisa estudar Filosofia com Professores Preparados para esta função. Gallo também apresenta sua preocupação, uma vez que diz que “a definição da obrigatoriedade da filosofia, [...] não foi simplesmente fruto de uma ‘canetada’ do Presidente da República; essa inserção foi fruto de muita luta e mobilização.” (GALLO, 2003, p.174).

Portanto, de acordo com Gallo, a disciplina de Filosofia precisa ser reconhecida como tal, é necessário legitimá-la, e é de extrema preocupação nossa saber que a Filosofia pode ser retirada do currículo caso sua legitimação não aconteça, sabemos que o principal problema é a presença de professores formados ou preparados para que o ensino de Filosofia seja solidificado e aplicado com qualidade, gerando e ganhando credibilidade perante o estado e a sociedade. A presença da Filosofia como

[...] obrigatoriedade, porém, não garante nada. Como um ato legal, ela pode ser desfeita. Se os professores de Filosofia não forem capazes de desenvolver um ensino significativo e qualificado, a disciplina perderá legitimidade e será excluída dos currículos, talvez sem chance de retorno (GALLO, 2003. p.178).

Para que esta pesquisa pudesse analisar melhor o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de filosofia em Grajaú foi necessário entrevistar alguns alunos do sétimo ano, porque o ensino de filosofia em Grajaú inicia-se com as turmas de sexto ano, dessa forma é compreensível que os alunos do sexto ano ainda estejam “imatuross” para uma análise filosófica, visto que no sétimo ano eles já tiveram um ano de ensino sobre a disciplina de filosofia, nos deixando acreditar que estão capazes de responder algo sobre o ensino e aprendizagem deles. Poderíamos fazer essa análise com alunos do nono ano, mas o propósito desse trabalho é analisar o ensino-aprendizagem e os desafios dentro da sala de aula principalmente nas primeiras abordagens do ensino de filosofia nessas escolas. Dessa forma a Professora X, apresenta algumas dificuldades encontradas por ela nas turmas do sétimo ano e, a primeira, segundo ela:

Está no campo da leitura e da escrita, (onde), parte dos alunos não estão alfabetizados adequadamente. Para ela os alunos deveriam ter recebido um preparo mais elevado de estudo de textos, pois não estão preparados para o nível de alunos do sétimo ano. (PROFESSORA X, 2015).

Para nós, isso é um problema do sistema de educação que mobiliza os professores para aprovação e não retenção de alunos mesmo sem estarem preparados, isso também é confirmado pela professora X que diz que não há “um acompanhamento pedagógico e um trabalho de recuperação do aluno para que ele chegue com um nível adequado para a série.” (PROFESSORA X, 2015). É também um problema para o ensino de filosofia, uma vez que se faz necessário o conhecimento e desenvolvimento da escrita para o melhor desenvolvimento e compreensão da disciplina.

Outra dificuldade, além do material e do problema cognitivo dos alunos, é a ausência dos pais e a falta de cuidado e compromisso dos alunos com o material que ela com esforço consegue e acrescenta que uma aula por semana é pouco para o ensino de filosofia, o que é para nós mais um grave problema para o ensino de filosofia nas escolas públicas de Grajaú.

A Professora X trabalha nesta escola há três anos e é importante frisar que, embora ela seja formada em filosofia, ao adentrar à escola não teve esta disciplina à sua disposição, a mesma afirma que outros professores de diferentes áreas que não a de filosofia, estavam destinados a trabalhar com a disciplina, então foi necessário a imposição dela junto à direção para que pudesse se responsabilizar pelo ensino de filosofia na escola e, mesmo sendo a única a trabalhar com essa disciplina, ainda é necessário trabalhar com História no sexto ano para complementar a sua carga horária de trabalho, visto que, a carga horária disponível ao ensino de filosofia é pouca, isso é confirmado pela professora, para quem há necessidade de um tempo maior para se trabalhar com filosofia.

Dessa forma, pode-se perceber as dificuldades que a filosofia ainda sofre dentro do município, e um dos fatores pode ser percebido pelo tempo destinado ao ensino de filosofia que é mínimo em todas as escolas do município, apenas uma aula de quarenta e cinco minutos por semana é destinado ao ensino de filosofia. Sendo a filosofia importante para contribuir na formação da vida escolar e cotidiana do ser humano, a Professora X exalta o que ela percebe sobre a influência da filosofia na vida escolar e pessoal dos alunos relatando que

a principal influência da filosofia está no campo do pensar [...], com a filosofia eles exercem o pensamento livre, tem a possibilidade de pensar sobre sua realidade, de raciocinar sobre o mundo em que eles vivem, de olhar para as questões sociais de uma outra forma, [...] claro que isso não se percebe no momento [...], é um trabalho a longo prazo [...] é nas aulas de filosofia que ele tem a possibilidade de se encontrar com ele mesmo, com a vida dele e poder exercitar esse raciocínio pleno (PROFESSORA X, 2015).

A Professora X, relata que a recepção dos alunos com relação a disciplina de Filosofia é visto de forma curiosa, buscam saber o que é e para que serve a filosofia. Dessa forma podemos perceber que o que Alejandro Cerletti diz faz sentido, o ser humano por si já faz uso da Filosofia de forma informal, sem ter conhecimento científico e orientações de um professor, mas que é necessário que o professor trabalhe com o ensino de filosofia para que os alunos saibam o papel da filosofia na vida de cada um.

Quanto ao aprendizado dos alunos na Disciplina de Filosofia a Professora X, considera que eles têm um bom aprendizado, levando em consideração as dificuldades citadas anteriormente.

Ao questionarmos a Professora X, se ela considera que a formação que ela tem, garante os conhecimentos necessários para sua atuação com a disciplina de Filosofia, nos surpreendemos com a resposta uma vez que a mesma considera que o curso de Licenciatura em filosofia que ela tem não atende.

[...] os cursos não preparam a gente pra sala de aula eles preparam (os professores) para alunos imaginários [...], não (preparam o Professor para encarar a realidade) preparam a gente para alunos imaginários [...] é tudo muito fictício [...] falta muito nos cursos de Licenciatura [...] falta muito entrosamento entre a teoria dos livros e a prática. Os estágios não dão conta de nos assegurar [...] o estágio é apenas um momento [...] (PROFESSORA X, 2015).

A Professora X foi bem realista nas colocações nos deixando perceber o quanto nossos alunos estão sendo penalizados, por falta de ensino adequado em filosofia, por falta de professores formados na área e por falta de atuação dos poucos professores que temos no Município que, ao invés de atuarem em suas áreas específicas, estão em outras que não a sua, não é o caso da Professora X, que não aceitou a submissão da direção da escola e lutou para exercer a função do Professor de Filosofia que é seu direito e dever aqui.

A Professora X, acha que o que deveria ser feito para melhorar o ensino de Filosofia nas escolas municipais de Grajaú, em primeiro lugar seria a valorização da

disciplina de Filosofia e do Ensino de Filosofia, a formação dos professores, o acompanhamento pedagógico e entrega do material didático entre outros.

A professora Y é umas das entrevistadas da Escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa, que quanto à sua formação relata ser graduada e Pós-graduada em Letras por uma instituição Privada a qual ela não revelou o nome. Trabalha na Escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa desde sua fundação em 1994. Trabalha com a Disciplina de Filosofia nas turmas do sexto e sétimo ano “D” e nono ano “A”.

Nossa segunda entrevistada desta escola, chamaremos de Professora Z. Esta é formada em História pela Universidade Estadual do Maranhão, Pós-graduada em Gestão pela Universidade Federal de Juiz de Fora, trabalha na Escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa, desde 1998, trabalha com a disciplina de Filosofia com as turmas do sexto ano “A”, “B” e “C” e com os alunos do sétimo ano “A”. Além da disciplina de Filosofia, ela trabalha também com a disciplina de Artes.

Sobre o que as professoras pensam do ensino de Filosofia para crianças do Ensino Fundamental, a Professora Y disse que “é de muita importância”, mas não explica o porquê. Quanto ao papel do Professor de filosofia na formação dos alunos do ensino fundamental, afirma que sente dificuldade por não ser formada em Filosofia. Compreendemos como confirmação do que disse a Professora X, que o Município, não oferece nenhum suporte para os Professores de filosofia. A mesma, assim como a Professora X, também compra o seu material de trabalho, com algumas diferenças, a Professora X compra Livros e a Professora Y, compra apostilas e busca mais sobre filosofia na Internet. Alguns dos materiais usados no sexto ano “D”, também são usados no sétimo “D” e nono ano “A”.

Diante das respostas da Professora Y, percebemos um dos graves problemas do ensino de filosofia no sétimo ano nas escolas municipais de Grajaú. O que se comprova com as respostas da segunda entrevistada desta escola, a professora Z. Quando esta foi questionada sobre o ensino de Filosofia nas Escolas públicas de Grajaú, ele respondeu que “acha que o município deveria capacitar os Professores de Filosofia, no município são poucos os Professores formados em Filosofia” (PROFESSORA Z, 2015).

Assim, descobrimos que além de ter poucos profissionais formados em Filosofia, nem todos estão trabalhando com filosofia, pois estão lecionando outras disciplinas que não a de sua formação, ou seja, está faltando algo no planejamento e

organização por parte do Município e da Secretaria de Educação. Esse dado foi comprovado na pesquisa de campo pela presença de um professor formado em filosofia na Escola Paulo Ferraz que trabalha ministrando outras disciplinas que não filosofia.

O ensino de Filosofia em Grajaú é um problema para os professores que trabalham com essa Disciplina, quando o assunto é a percepção da influência da Filosofia na vida escolar e pessoal dos alunos, a Professora Y julga que não percebe por culpa da “falta de interesse em alguns alunos”. Somadas às dificuldades que ela também têm na turma do sétimo ano “D”, ela alega ainda a falta da família e a falta de atenção deles, e essas são para ela as principais dificuldades no ensino e aprendizagem dos alunos do sétimo ano “D”.

Percebeu-se uma contradição na fala da professora, uma vez que de início ela havia dito ter dificuldades por não ser formada em Filosofia, e logo depois diz que as dificuldades são advindas dos alunos. Ela reconhece sua deficiência por falta de formação em Filosofia e ao mesmo tempo desconsidera essa deficiência quando perguntada se considerava que sua formação lhe garantia os conhecimentos para a sua atuação com a disciplina de Filosofia na sala? Ela respondeu, “Sim”, mas não justificou a resposta. Dessa forma há uma contradição nas respostas da mesma.

A carga horária destinada à disciplina de Filosofia em geral no município é de 45 minutos-aula por semana em cada turma, a Professora Y, relata que “alguns alunos se identificam, outros não se interessam” (PROFESSORA Y, 2015). A mesma avalia o aprendizado dos alunos através de trabalhos em duplas, textos e interpretação. A Professora Y declara que apesar das dificuldades, o pouco que é passado aos alunos é bem compreendido por eles, fazendo disso um bom aprendizado.

Segundo a Professora Y o que deveria ser feito para melhorar o ensino de Filosofia nas escolas municipais de Grajaú, seria a entrega de “material didático e treinamento para que melhore o ensino” (PROFESSORA Y, 2015).

Quanto ao papel do professor de Filosofia, a Professora Z fala que é ensinar o aluno e dar oportunidade para ele aprender, ensinando-os a pensar e refletir. Considera que 50% de sua formação lhe garante os conhecimentos necessários para a sua atuação com a disciplina de Filosofia na sala de aula, mas que para estar realmente preparada para trabalhar com a disciplina de Filosofia, é necessário passar por um processo formação, não acredita que esteja 100% preparada para trabalhar com esta disciplina.

Assim como a Professoras X e Professora Y já haviam falado, a Professora Z também afirma que o Município não oferece nenhum suporte para que o Professor de Filosofia possa desenvolver melhor o seu papel, nem oferece capacitações para formar o professor. O material utilizado por ela para trabalhar com as turmas do sexto ano “A”, “B” e “C” e com o sétimo ano “A”, são textos extraídos da Internet e apostila. Mas não fornecidos pelo Município. Geralmente utiliza o mesmo material em todas as turmas tanto de sexto ano, quanto do sétimo.

De acordo com a experiência de trabalho com o ensino de Filosofia a Professora Z percebe que não há nenhuma influência na vida escolar e pessoal dos alunos. Embora ela tenha dito em outro momento que trabalha o ensino de Filosofia, mas no sentido ético de valores educacionais do aluno. Ela busca por meio da disciplina de filosofia fazer uma restauração moral dos alunos, pois na pesquisa de campo descobriu-se que as duas turmas do sétimo ano foram selecionadas de acordo com o nível de aprendizagem e de comportamento dos alunos.

A Professora Z, por trabalhar mais com leitura de textos, encontra dificuldade de trabalhar com a turma do sétimo ano alegando “que eles não gostam de ler”. Questionamos se eles “não gostam de ler” ou se eles não sabem ler? Acreditamos que seja provável que os alunos que não “querem” ler, não é por culpa deles, mas por um processo que vem desde a alfabetização.

A Professora Z, relata que os alunos, aceitam a “disciplina de Filosofia (como) chata, por que requer o pensamento deles, eles não gostam de estar colocando o pensamento deles em prática” (PROFESSORA Z, 2015). Eis a pergunta, não gostam ou não foram instigados a fazer o exercício do pensar, da reflexão sobre determinada situação? Para a Professora Z, a maior dificuldade do sétimo ano é a falta da prática da leitura, é fazer o aluno ler.

Lembramos uma fala da Professora X, que não está exposta neste trabalho, mas ela disse, “muitas vezes o Professor encontra o aluno desencantado com a Disciplina de Filosofia por que ele não teve aula com o Professor de Filosofia” (PROFESSORA X, 2015).

Seguindo os mesmos pensamentos e críticas da Professora X e a Professora Y, a Professora Z também afirmou que o Município deveria realizar capacitações para os Professores de Filosofia, disponibilizar material para os alunos, por que, o material utilizado é adquirido com o recurso da Professora ou dos próprios alunos. Segundo ela,

“nenhum município teve ainda essa consciência de que tá na hora de trabalhar a filosofia mesmo, só jogou a carga horária de Filosofia, mas não preparou os professores e nem as escolas para receber essa disciplina” (PROFESSORA X, 2015).

Cinco dos alunos de cada professora foram entrevistados, as entrevistas feitas com os alunos têm por objetivo dar sentido e valor ao que foi dito pelas professoras, comparar dados coletados a partir das entrevistas com os alunos da Professora X, Professora Y e Professora Z sobre o ensino-aprendizagem de filosofia nas turmas do sétimo ano das escolas Municipais, Caminho do Futuro e Paulo Ferraz de Sousa.

Os alunos serão mencionados de acordo com a letra que identifica cada Professora, por exemplo, os alunos da Professora X como já foram citados acima serão X1, X2, X3, X4 e X5. Da mesma forma nomearemos os alunos da Professora Y e da Professora Z.

Ao iniciarmos as entrevistas, percebemos as dificuldades que as Professoras citaram em suas entrevistas, as respostas dadas pelos alunos das mesmas nos ajudaram a compreender seus desafios e a gravidade do problema encontrado no ensino de Filosofia nas turmas de sétimo ano dessas escolas.

Dos alunos entrevistados achamos que o aluno X1 teve um melhor desempenho em sua resposta quando lhe foi lançada a pergunta. O que é filosofia para você? Ele com calma respondeu que Filosofia “é a história que diz a verdade sobre a vida no mundo em que vivemos” (ALUNO X1, 2015). Aluna X2, sobre filosofia para ela, “é aprender sobre os Filósofos, sobre Mito, realidade é isso aí” (ALUNA X2, 2015).

Sobre o que acha da disciplina de filosofia o aluno X1 de imediato respondeu que, “acha muito interessante para aprendermos a verdade da vida”. O aluno X1, embora não tenha dito o que aprendeu sobre algum filósofo, lembrou da historinha que a Professora X havia trabalhado e que retrata o Mito da Caverna.

Durante a entrevista o aluno X1, conseguiu relacionar o que havia aprendido com a historinha do Piteco, estória esta ilustrada em revista de quadrinho por Maurício de Sousa cujo nome é, AS SOMBRAS DA VIDA com Piteco. O mesmo compreende e relaciona a estória, que retrata o Mito da Caverna, com o que se passa no dia a dia dele, nos revelou que com as aulas de filosofia ele aprende que não deve se prender às coisas do mundo que possa lhe deixar alienado, “aprendo que a gente não pode ficar preso a uma coisa como vídeo game e televisão” (ALUNO X1, 2015).

O aluno X1 afirmou que gosta de como a disciplina de Filosofia é trabalhada em sala de aula, por que segundo ele “aprende muito com a Filosofia”. Acha as provas e os trabalhos de Filosofia “interessante” diz que “aprende muito com isso, como que, nem tudo que passa na televisão é verdade” (ALUNO X1, 2015).

O Aluno X1, quis dizer que o que ele ver nas aulas de Filosofia lhe ajuda a compreender melhor o que ele assiste e o que ele faz. Dessa forma podemos perceber a importância da filosofia no desenvolvimento racional, reflexivo dos alunos do sétimo ano da Escola Caminho do Futuro.

Entrevistamos cinco alunos da Professora X, cinco alunos da Professora Y e quatro alunos da Professora Z, por que foram só quatro alunos que aceitaram participar da entrevista. Analisando as entrevistas tanto das Professoras como dos alunos percebemos o quanto é importante e necessário que a disciplina de Filosofia seja ministrada por um professor ou professora formada em Filosofia, foi diagnosticado a deficiência que as Professora Y e Professora Z, têm em ensinar Filosofia. Ambas citaram que necessitam de material didático, mas ficou explícito que a presença do material sem um professor preparado não vai solucionar o problema, como prova temos os resultados das entrevistas com os alunos do sétimo ano de ambas escolas.

Enquanto os alunos Y1, Z1, Z2 E Z3, responderam que a Filosofia é uma matéria ótima, ou boa, os alunos Y2, Y3, Y4, Y5 E Z4, não conseguiram responder se quer que a Filosofia é uma matéria.

A Professora X, também não tem material disponível, mas, é formada em Filosofia e embora diga que sua formação não lhe garanta os conhecimentos necessários para atuar com o ensino de filosofia, os seus alunos demonstraram que apesar das dificuldades, por falta de material didático e de um tempo maior para o ensino-aprendizagem de Filosofia, os seus conhecimentos acerca do que é filosofia estão bem desenvolvidos, comparados aos conhecimentos dos alunos das Professoras Y e Professora Z, que não têm material e nem são formadas em Filosofia.

É importante se pensar numa estratégia de ensino de filosofia mais adequada para os alunos do ensino fundamental, em especial para os alunos do sétimo ano, que estão em fase de adolescência, isso exige do aluno um pensar mais crítico, já que estamos formando cidadãos “livres” para expressar suas ideias.

Interessante saber que todos os alunos entrevistados, relataram gostar da disciplina de Filosofia, por que é fácil ou por que as professoras são calmas e, pacientes. Saber disso é importante, uma vez que acredito que gostam da disciplina não só pelo fato das professoras serem calmas e pacientes, mas por que tratam de muitas coisas em comum, por que os fazem lembrar e compreender melhor algo que já vivenciou ou que está vivendo.

Na escola Municipal Paulo Ferraz de Sousa, foi detectado que os alunos da Professora Z, ou seja, os alunos, Z1, Z2, Z3 E Z4, são alunos de uma turma de sétimo ano, que por suas deficiências cognitivas foram selecionados para formar uma turma, ou seja, eles são vistos como os alunos que têm mais dificuldades no aprendizado. A Professora Z, nos afirmou que o conteúdo trabalhado com eles é mais voltado para as questões de valores.

A partir dos depoimentos das Professoras pudemos observar em suas falas, o desafio de trabalhar com o ensino de Filosofia sem o apoio de materiais próprios da disciplina ofertado pelo Estado ou pelo Município. Gallo também traz esse desafio, dessa forma percebe-se que este não é um problema só de Grajaú. “Não podemos, porém, perder de vista nossas especificidades culturais e históricas, bem como as condições materiais de nossas escolas.” (GALLO, 2014. P. 179).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de filosofia no sétimo ano do ensino fundamental é algo que necessita de uma atenção especial voltada para a realidade de todos que participam deste ensino, mas não é por esses participantes serem tão carentes de informação que o ensino deve ser trabalhado de qualquer forma, não é por que a disciplina é obrigatória e o professor obrigado a se dispor a ensinar que devemos fechar os olhos e deixar acontecer sem uma preocupação no sentido valioso que a Filosofia tem em nossas vidas, em nossa formação e na formação de nossos alunos.

Das três professoras entrevistada uma é formada, sendo que esta que é formada poderia não está trabalhando com a disciplina de Filosofia, visto que existem em Grajaú e nessas escolas professores formados, preparados para o ensinar Filosofia e no entanto estão ensinando outras disciplinas. Então nos perguntamos o que estar

acontecendo com o olhar crítico de nossos professores? Por que tanta aceitação do que lhes é imposto? Será que estão sendo leais com eles mesmos aqui?

Sabemos que todo professor é responsável pela realização de seu trabalho, realização de qualidade, sabemos também que tanto os alunos quanto os professores, têm suas deficiências, isto é natural, mas, o teor das responsabilidades de cada professor implica em uma transformação do quadro intelectual do aluno, isto é que faz possibilitar a diferença. As Docentes apresentaram-nos algumas deficiências dos alunos no desenvolvimento da escrita e da leitura, justificando a má qualidade de ensino de filosofia, estas são duas das deficiências que eles têm, mas que poderiam não ter se um trabalho de ensino e aprendizagem estivesse sido bem desenvolvido com esses alunos nas séries iniciais, e o mesmo pode ocorrer com o ensino de Filosofia caso este quadro de ensino não seja repensado.

Temos pouquíssimos docentes preparados para ensinar Filosofia para atender a demanda das Escolas de Grajaú. Acreditamos que para mudar o sistema que já está adaptado a colocar docentes de outras áreas para trabalharem em disciplinas que não às suas, os docentes deste Município precisam se mobilizar e se organizar para lutarem por melhores condições de trabalho, como também o direito de capacitação dos professores. A formação de professores é dever do Estado.

Compreendemos que o processo formativo de professores está além do que imaginamos, assim como o ensino de Filosofia no ensino fundamental, esperávamos que no sétimo ano poderíamos nos deparar com uma condição de aprendizagem, não excelente, mas digamos razoável. Porém o que encontramos foi muitos desafios, desafios esses que os professores não são capazes de superar sem o auxílio do Município.

Com a colaboração das professoras entrevistadas e com o que pudemos observar nas escolas, percebemos uma lacuna no ensino de Filosofia, a formação de Professores que lecionam essa disciplina. Acreditamos que se cada profissional atuasse com satisfação em sua área de formação a qualidade de ensino estaria em um patamar bem mais elevado do que o que vivenciamos, é certo que a interdisciplinaridade está presente no ensino, mas os professores atuantes devem ser e estar preparados para o exercício aqui.

Percebemos a diferença entre os alunos da professora que está preparada para ensinar filosofia e os alunos das professoras que não estão preparadas. Os alunos

da professora X, embora estivessem nervosos, conseguiram responder razoavelmente e lembrar de algo que já lhes havia sido ensinado, diferente dos alunos das professoras Y e Z.

Percebemos ainda, que o ensino de Filosofia em Grajaú não está sendo muito bem desenvolvido, isto é um problema, mas problema ainda maior é saber que nada está sendo feito para mudar esta realidade, nem por parte dos professores e nem pelo Município ou Estado.

Através deste trabalho, foi possível compreender a realidade dos alunos do sétimo ano das duas Escolas, Caminho do Futuro e Paulo Ferraz, deu-se a entender a gravidade do problema, problema este que vem desde a alfabetização, pois os alunos do sétimo ano que tivemos contato, alguns demonstraram interesse em participar das entrevistas, mesmo que só por curiosidade, enquanto outros tivemos mais dificuldades para obtermos a participação. Os alunos da Professora Z apenas quatro se dispuseram a participar, então foi possível compreendermos os seus motivos.

Ao tentarmos desenvolver este trabalho e compreender o processo de ensino de Filosofia nas Escolas Caminho do futuro e Paulo Ferraz de Sousa, percebemos que muito ainda há a fazer pelo desenvolvimento e qualidade do ensino de Filosofia. Em nossa pesquisa foi possível compreendermos as deficiências dos alunos do sétimo ano destas escolas. Esta pesquisa nos possibilitou compreender melhor o papel que cada professor tem e qual a verdadeira finalidade do “ser” professor, dizer eu sou professor responsável, determinado ou determinada, competente e comprometido com as transformações sociais e a aprendizagem dos alunos.

Diagnosticamos em nossa pesquisa que a formação docente é fundamental para o seu desempenho, que o material didático adequado é de extrema relevância na conquista dos objetivos esperados. Compreendemos ainda, que entre o ensino e aprendizagem, professor e aluno há uma troca de saberes que precisam ser mediado pelo conhecimento específico, em nosso caso a Filosofia.

Percebemos que em Grajaú está faltando apoio aos professores de Filosofia, assim como melhorias na qualidade de ensino do Ensino Fundamental maior. É necessário rever a atual condição do Ensino de Filosofia, assim como a própria metodologia de alfabetização nas escolas Municipais de Grajaú-MA.

Pensamos este trabalho, como forma de nos atentar para o que está acontecendo com a Filosofia e com o ensino de filosofia, na tentativa de mostrar a

realidade deste ensino nas escolas Municipais de Grajaú, assim como iniciar um debate maior sobre a Filosofia nas escolas de Grajaú-MA.

Assim, este trabalho é dedicado aos futuros docentes de Filosofia que tenham interesse e preocupação em conhecer e tentar mudar a realidade educacional da Filosofia em Grajaú e nas Escolas Caminho do Futuro e Paulo Ferraz de Sousa.

REFERÊNCIAS

CELSO, F. Favaretto. Sobre o ensino de filosofia. In: **Revista da Faculdade de educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102 jan. jun./1993. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/008e1.pdf>. Acesso em 23 de 04 de 2015.

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia: Como Problema Filosófico**. Belo horizonte. Autêntica, 2009.

GALLO, Sílvio. CORNELLI, Gabriele. DANELON, Márcio (Org.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis, 2003.

GUIDO, H. et. all.(org). **O Transversal e o Conceitual no Ensino de Filosofia**. Uberlândia: ed. UFU, 2014.

LORIERI, Marcos Antônio. O trabalho de filosofia com crianças e jovem nos últimos 20 anos. In: Walter O. Kohan (Org.). **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

MORAES, Simone Becher Araujo. **Ensino de filosofia: currículo, realidade de contexto e formação de professores**. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/I&c/download/Artigos09/simone.pdf.pdf>

_____. CONVERSANDO SOBRE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL. In: **Filosofia no Ensino Fundamental** / Marcos Antônio Lorieri. – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção Docente em Formação).

RODRIGUES, Daniel Santini, Souza, Edvaldo Ribeiro de. A filosofia no ensino fundamental segundo a proposta de Matthew Lipman. In: **Theoria-Revista Eletrônica de Filosofia**. Volume V, Número 14. Ano, 2013. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao14>. Acesso em 23 de 04 de 2015.

SILVA, Nancilene de Jesus Moraes (CNPq). Um resgate da história do ensino de filosofia no ensino médio nas escolas da rede pública do município de Castanhal no

período de 1965 a1999. In: **Revista Virtual de Iniciação Acadêmica da UFPA**. Vol. 1, No 1, março 2001. Página 1de 16. Disponível em: <http://www.ufpa.br/revista>. Acesso em 23 de 04 de 2015.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; LONDERO, Márcia Eliana Araújo. **Ensino de filosofia: necessidades formativas.** Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/008e1.pdf>. Acesso em 23 de 04 de 2015.

Walter O. Kohan (Org.). **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.